



Anna Snoekstra

Autora Bestseller Internacional

A sua casa pode ser  
o lugar mais perigoso  
do mundo.

# A ÚNICA FILHA

«Um thriller psicológico inteligente,  
pleno de pistas falsas e de segredos obscuros.»

*Library Journal*

TOP  
SEL  
LER

*Para a minha mãe.*

Sempre fui boa a encarnar uma personagem: para o sacana, a misteriosa sedutora; para o protetor, a inocente de olhos ingênuos. Usara ambas com o segurança e nenhuma parecia estar a resultar.

Fora por um triz. As portas de correr do supermercado já se tinham aberto quando a mão larga dele pousou, com força, sobre o meu ombro. A via principal encontrava-se a apenas quinze passos de distância. Uma rua sossegada, ladeada por árvores de folhas amarelas e cor de laranja.

Agarrou-me com mais força.

Trouxe-me para o escritório das traseiras, uma pequena caixa de betão onde mal cabiam o velho arquivador, a secretária e a impressora. Tirou o pão, o queijo e a maçã do meu saco e pousou-os sobre a mesa que nos separava. Vê-los assim espalhados deu-me um abalo de vergonha, mas fiz os possíveis para continuar a olhá-lo nos olhos. Ele disse que eu não saía dali até lhe apresentar alguma identificação. Felizmente, eu não tinha carteira. Para que serve uma carteira quando não se tem dinheiro nenhum?

Tentei todos os meus truques com ele, deixando que as lágrimas escorressem quando as minhas tentativas de persuasão caíram por terra. Não foi a minha melhor atuação; não conseguia parar de olhar para o pão. O meu estômago estava a começar a doer-me. Nunca antes senti tanta fome.

Ouçoo a falar com a polícia do outro lado da porta trancada. Olho fixamente para o quadro de informações por cima da secretária, que tem a escala do pessoal desta semana ao lado de um memorando acerca dos procedimentos com os cartões de crédito, com uma cara sorridente desenhada em baixo, e algumas fotografias de uma saída noturna de colegas de trabalho.

Eu nunca quis trabalhar num supermercado. Nunca quis trabalhar em parte alguma, mas, subitamente, sinto uma inveja dolorosa.

— Desculpe incomodá-lo com isto. Mas aquela vaquinha não me dá qualquer identificação.

Pergunto-me se ele sabe que o consigo ouvir.

— Não faz mal. Nós tratamos disto daqui em diante — disse outra voz.

A porta abre-se e dois polícias espreitam cá para dentro, para mim. Uma mulher e um homem, ambos mais ou menos da minha idade. Ela usa o cabelo escuro puxado para trás, num rabo de cavalo impecável. O tipo é pálido e magro. Apercebo-me imediatamente de que vai ser um idiota. Sentam-se do outro lado da mesa.

— Sou o agente Thompson e esta é a agente Seirs. Consta-nos que foi apanhada a roubar nesta loja — diz o polícia do sexo masculino, sem sequer se preocupar em disfarçar o enfado no seu tom de voz.

— Não, na verdade, não fui — digo eu, imitando a estirpe perfeita da minha madrastra. — Estava a caminho da caixa quando ele me agarrou. Aquele homem tem um problema com as mulheres.

Eles olham-me desconfiadamente, percorrendo com os olhos as minhas roupas sujas e o meu cabelo oleoso. Pergunto-me se cheirarei mal. A nódoa negra e o inchaço na minha cara não estão a ajudar. É provável que tenha sido por isso que fui apanhada.

— Ele chamou-me nomes quando me trouxe aqui para trás — baixo a voz —, tipo *vaca* e *puta*. Repugnante. O meu pai é advogado e não duvido que queira processá-lo por conduta imprópria quando lhe contar o que se passou aqui hoje.

Eles olham um para o outro e, imediatamente, consigo ver que não caíram na história. Devia ter chorado.

— Escuta, querida, vai correr tudo bem. Dá-nos só o teu nome e a tua morada. Estarás de volta a casa ao fim do dia — diz a mulher-polícia.

Ela tem a minha idade e está a chamar-me nomes carinhosos como se eu fosse uma criança.

— A outra opção é determos-te e levarmos-te connosco para a esquadra. Terás de esperar numa cela enquanto descobrimos quem és. Será muito mais fácil se te limitares a dar-nos o teu nome já.

Eles estão a tentar assustar-me e está a funcionar, mas não pela razão que eles julgam. Mal obtenham as minhas impressões digitais, não demorarão muito tempo a identificar-me. Descobrirão o que fiz.

— Eu estava cheia de fome — digo, e o tremor na minha voz não é falso.

É o olhar deles que deslinda a situação. Um misto de compaixão e repugnância. Como se eu não valesse nada, como se fosse apenas mais uma vadia de que eles tivessem de se livrar. Lentamente, surge-me uma memória e apercebo-me de que sei, exatamente, como livrar-me disto.

O poder do que estou prestes a dizer é enorme. Percorre-me o corpo como um gole de vodca, removendo o sufoco da minha garganta e provocando-me formigueiros nas pontas dos dedos. Já não me sinto indefesa; sei que consigo safar-me com aquilo. Olhando fixamente para ela, e depois para ele, permito-me saborear aquele momento, observando-os cuidadosamente para desfrutar do preciso momento em que as suas caras se alteram.

— O meu nome é Rebecca Winter. Há onze anos, fui raptada.

# 1

2014

Estou sentada numa sala de interrogatórios, com a cara virada para o chão, e aperto com força o casaco à minha volta. Está frio aqui dentro. Estou à espera há quase uma hora, mas não estou preocupada. Imagino a agitação que causei do outro lado do espelho. O mais certo é estarem a telefonar para a unidade de pessoas desaparecidas, a procurar fotografias da Rebecca e a compararem-nas meticulosamente comigo. Isso deve ser suficiente para convencê-los; a semelhança é impressionante.

Vi-o há uns meses. Estava embrulhada com o Peter, num pequeno aconchego de calor. Normalmente ficava chorona quando ressa-cava e limitava-me a passar o dia escondida no meu quarto, a ouvir música triste. Com ele era diferente. Acordámos ao meio-dia e pas-sámos o resto do dia no sofá, a comer pizza e a fumar, até começarmos a sentir-nos melhor. Isso foi na altura em que eu achava que o dinheiro dos meus pais não importava e que só precisava de amor.

Estávamos a ver um programa estúpido qualquer chamado Procura-se. Estavam a falar acerca de uma série de homicídios terríveis num sítio chamado Lar de Idosos de Holden Valley, em

Melbourne, e eu comecei a procurar o telecomando. Avozinhas chacinadas arruínam o estado de espírito de qualquer um. Exatamente quando estava prestes a mudar de canal, passaram para a história seguinte e apareceu uma fotografia no ecrã. Ela tinha o meu nariz, os meus olhos, o meu cabelo acobreado. Até tinha as minhas sardas.

«Rebecca Winter terminou o seu turno da noite no McDonald's de Manuka, bairro residencial do centro de Camberra, no dia 17 de janeiro de 2003», disse um homem com uma voz dramática sobreposta à fotografia, «mas algures entre a paragem de autocarro e a sua casa, desapareceu, para nunca mais ser vista.»

— C'um caraças, aquela és tu? — perguntou o Peter.

Apareceram os pais da rapariga, dizendo que a sua filha estava desaparecida havia mais de uma década, mas que ainda tinham esperança. A mãe parecia estar prestes a chorar. Outra fotografia: a Rebecca Winter a usar um vestido verde-claro, com o braço à volta de outra rapariga adolescente, esta com cabelo louro. Durante um momento insensato, tentei lembrar-me se alguma vez possuía um vestido como aquele.

Um retrato de família: os pais parecendo 30 anos mais novos, dois irmãos sorridentes e a Rebecca no meio. Idílico. Mais valia terem uma cerca branca em pano de fundo.

— Foda-se, achas que aquela é a tua irmã gémea desaparecida há muito, ou quê?

— Sim, quem te dera!

Tínhamos começado a brincar acerca das repugnantes fantasias do Peter com gémeas e, passado pouco tempo, ele esqueceu-se daquilo. Nada se demorava muito na mente do Peter.

Tento relembrar-me do máximo de detalhes do programa. Ela era de Camberra, uma adolescente, talvez com 15 ou 16 anos na altura em que desapareceu. De certa forma, tinha sorte por ter uma das faces arroxeadas e inchadas. Isso mascarava as subtis diferenças que nos distinguiam. Estarei bem longe daqui quando as nódoas negras se esbaterem. Só preciso de conseguir o tempo suficiente para sair

da esquadra e ir, talvez, para o aeroporto. Durante um momento, a minha mente deambula para o que faria depois disso. Telefonar ao pai? Não falava com ele desde que saíra de casa. Pegara algumas vezes num telefone de uma cabine, e até marcara o número do telemóvel dele. Contudo, o som nauseante de um peso leve a embater no metal vinha-me à cabeça e eu desligava com as mãos trémulas. Ele não queria falar comigo.

A porta abre-se e a mulher-polícia espreita cá para dentro e sorri-me.

— Isto não vai demorar muito mais. Posso arranjar-lhe alguma coisa para comer?

— Sim, se faz favor.

O ligeiro embaraço na voz dela, o modo como olha para mim e, depois, rapidamente, desvia os olhos.

Enganara-os.

Ela traz-me uma embalagem de *noodles* a escaudar da loja aqui ao lado que vende comida para fora. Está gordurosa e um pouco pegajosa, mas nunca uma refeição me soube tão bem. Por fim, um inspetor entra na sala. Coloca uma pasta sobre a mesa e puxa uma cadeira. Parece abrutalhado e tem um pescoço grosso e uns olhos pequenos. Pelo modo como se senta, apercebo-me de que a minha melhor hipótese com ele é através do ego. Ele parece estar a tentar ocupar o máximo de espaço possível, com o braço pousado na cadeira a seu lado e as pernas muito abertas. Sorri-me por sobre a mesa.

— Lamento que isto esteja a levar tanto tempo.

— Não faz mal — digo, com os olhos muito abertos e uma voz sumida.

Viro a cara ligeiramente para me assegurar de que ele está a olhar para o lado arroxado.

— Em breve vamos levá-la para o hospital, está bem?

— Eu não estou magoada. Só quero ir para casa.

— É o regulamento. Temos estado a tentar ligar para os seus pais, mas até agora não atenderam.



Imagino o telefone a tocar na casa vazia da Rebecca Winter. Provavelmente, foi melhor assim; os pais dela só complicariam as coisas. O inspetor interpreta o meu silêncio como desapontamento.

— Não se preocupe. Tenho a certeza de que em breve conseguiremos contactá-los. Eles terão de vir cá para proceder à identificação. Depois, poderão ir para casa juntos.

Isso é a última coisa de que preciso, ser exposta como uma fraude diante de uma sala cheia de polícias. A minha confiança começa a esmorecer. Tenho de dar a volta àquilo.

Falo para o meu colo.

— Tudo o que quero é ir para casa.

— Eu sei. Já não demorará muito mais. — A voz dele é como uma festa na minha cabeça. — Gostou disso? — Pergunta, olhando para a caixa de massa vazia.

— Era mesmo bom. Toda a gente tem sido tão simpática — digo eu, continuando a fazer o papel de vítima tímida.

Ele abre a pasta dos documentos. É o processo da Rebecca Winter. Está na hora do interrogatório. Os meus olhos percorrem a primeira página.

— Pode dizer-me o seu nome?

— Rebecca. — E mantenho os olhos virados para baixo.

— E onde é que esteve este tempo todo, Rebecca? — pergunta ele, aproximando-se para me ouvir.

— Não sei — sussurro eu. — Tinha tanto medo.

— Havia lá mais alguém? Mais alguém sequestrado consigo?

— Não. Só eu.

Ele aproxima-se mais, até o seu rosto ficar a apenas alguns centímetros do meu.

— Vocês salvaram-me — digo, olhando-o mesmo nos olhos. — Obrigada.

Consigo ver o peito dele a inchar. Camberra fica apenas a três horas daqui. Só preciso de insistir mais um pouco. Agora que ele se está a sentir o maior, não será capaz de me dizer que não. É a minha única hipótese de sair daqui.

— Deixe-me ir para casa, por favor?

— Temos mesmo de interrogá-la e de levá-la ao hospital, para ser examinada. É importante.

— Não podemos fazer isso em Camberra?

Então, deixo que as lágrimas comecem a cair. Os homens não podem ver raparigas a chorar. Por qualquer razão, isso deixa-os desconfortáveis.

— Em breve será levada até Camberra, mas antes disso há um protocolo que temos de seguir, está bem?

— Mas é você que manda aqui, não é? Se disser que posso ir, eles têm de obedecer-lhe. Eu só quero ver a minha mãe.

— Está bem — diz ele, saltando da sua cadeira. — Não chore. Deixe-me ver o que posso fazer.

Ele regressa para dizer que me resolveu a situação. Os polícias que me detiveram vão levar-me a Camberra, e depois o processo será assumido pelo inspetor responsável pelas pessoas desaparecidas que trabalhou no caso da Rebecca Winter. Aceno com a cabeça e sorrio-lhe, olhando para ele como se fosse o meu novo herói.

Nunca chegarei a Camberra. Um aeroporto seria mais fácil, mas tenho a certeza de que, ainda assim, de algum modo, conseguirei escapar-lhes. Agora que me veem como vítima, não será demasiado difícil.

Enquanto saímos da sala de interrogatórios, toda a gente se vira para olhar para mim. Uma mulher tem um auscultador encostado ao ouvido.

— Ela está aqui agora. Deixe-me só perguntar. — Encosta o auscultador ao peito e olha para cima, para o inspetor. — É a Sra. Winter; finalmente, conseguimos apanhá-la. Ela quer falar com a Rebecca. Pode ser?

— Claro — diz o inspetor, sorrindo-me.

A mulher estende-me o auscultador. Olho em redor. Apesar de todos terem a cabeça para baixo, apercebo-me de que estão a ouvir. Pego no telefone e encosto-o ao ouvido.

— Estou?

— Becky, és tu?

Abro a boca, com necessidade de dizer alguma coisa, mas não sei o quê. Ela continua a falar.

— Oh, querida, graças a Deus. Não posso crer. Estás bem? Eles só me dizem que estás bem, mas não consigo acreditar. Amo-te tanto. Estás bem?

— Estou bem.

— Fica onde estás. O teu pai e eu vamos buscar-te.

Caraças.

— Estamos quase a sair — digo, quase num sussurro. Não quero que ela repare que a minha voz é completamente errada.

— Não, por favor, não saias daí. Fica onde estejas em segurança.

— Será mais rápido assim. Está tudo resolvido.

Consigo ouvi-la a engolir em seco, pesada e densamente.

— Nós conseguimos chegar aí não tarda nada. — A voz dela parece estrangulada.

— Tenho de ir — digo. Depois, olhando em redor, para todos aqueles ouvidos à escuta, acrescento: — Adeus, mãe.

Ouç-a soluçar enquanto devolvo o telefone.

O último brilho da luz do Sol desapareceu e o céu está de um cinzento pálido. Estamos a andar de carro há cerca de uma hora e a conversa esmoreceu. Apercebo-me de que os polícias estão em pulgas por me perguntarem onde estive todo este tempo, mas refreiam-se. O que é uma sorte porque, muito provavelmente, eles sabem mais acerca do local onde a Rebecca Winter passou a última década do que eu.

O Paul Kelly canta suavemente na rádio. As gotas de chuva batem no tejadilho do carro e deslizam pelas janelas abaixo. Estava capaz de adormecer.

— Quer que aumente o aquecimento? — pergunta o Thompson, olhando para o meu casaco.

— Estou bem — digo.

A verdade é que não posso despir o casaco, apesar de estar a ficar com um bocado de calor. Tenho um sinal de nascença mesmo por baixo da curva do cotovelo. Uma mancha cor de café mais ou menos do tamanho de uma moeda de 20 cêntimos. Detestava-a quando era miúda. A minha mãe dizia-me sempre que era uma marca deixada pelo beijo de um anjo. Uma das poucas recordações que tenho dela. Quando cresci, comecei a gostar dela, talvez por me fazer pensar na minha mãe, ou apenas por ser tão intrinsecamente parte de mim. Mas não fazia parte da Bec. Duvidava que algum daqueles dois idiotas tivesse olhado com suficiente atenção para o processo das pessoas desaparecidas para ter reparado na palavra «inexistentes» por debaixo de «sinais», mas era melhor não arriscar.

Tento forçar-me a planear a minha fuga. Em vez disso, só consigo pensar na mãe da Rebecca. No modo como ela me disse «Amo-te». Tão diferente da forma como o meu pai costumava dizê-lo quando alguém estava a ver ou quando precisava que eu me portasse bem. O modo como ela o dissera era tão cru, tão gutural, como se viesse do seu âmago. Esta mulher de que nos estamos a aproximar ama-me realmente. Ou ama a pessoa que acha que eu sou. Pergunto-me o que estará ela a fazer neste preciso momento. A telefonar aos amigos para lhes contar, a lavar lençóis para mim, a correr para o supermercado para comprar mais comida, a preocupar-se com o facto de não ter sido capaz de dormir por estar tão excitada? Imagino o que acontecerá quando lhe telefonarem para lhe dizerem que me perderam pelo caminho. É provável que estes dois polícias venham a ter bastantes problemas. Isso não me importaria, mas então e ela? Então e a cama feita de lavado que estaria à minha espera? A comida no frigorífico. Todo aquele amor. Iria, simplesmente, ser desperdiçado.

— Tenho de ir à casa de banho — digo, ao ver um sinal indicando um ponto de paragem.

— Está bem, querida. Tens a certeza de que não queres esperar por uma área de serviço?

— Tenho. — Estou farta de ser bem-educada para eles.

O carro vira para a estrada de terra batida e para diante do bloco de casas de banho de tijolo. Junto a este, há um velho churrasco e duas mesas para piqueniques. Atrás destas, existe um matagal denso. Se eu ganhar um avanço considerável, eles não serão capazes de me descobrir lá no meio.

A mulher-polícia desaperça o seu cinto de segurança.

— Não sou uma criança. Consigo fazer chichi sozinha, obrigada.

Saio do carro batendo com a porta atrás de mim, sem lhe dar oportunidade de discutir. A chuva cai no meu rosto, gelada contra a minha pele suada. Sabe bem estar fora daquele carro sufocante. Olho de relance para trás antes de entrar no bloco de casas de banho. Os faróis brilham através da chuva e, atrás dos limpa-para-brisas, consigo ver os polícias a falarem e a mudarem de posição nos seus assentos.

As casas de banho estão nojentas. O chão de cimento está alagado e há lenços de papel amassados a flutuar, como icebergues em miniatura. O local tresanda a cerveja e a vômito. Uma garrafa de *Carlton Draught* repousa junto à sanita e a chuva tamborila no telhado de zinco. Imagino como será a minha noite de hoje, escondida à chuva. Terei de vaguear até chegar a uma localidade, mas o que acontecerá então? Continuo sem dinheiro e em breve voltei a estar esfaimada.

A última semana foi a mais horrível da minha vida. Tive de engatar homens em bares só para ter um sítio onde dormir e, certa noite, a pior de todas, não tive outra hipótese senão esconder-me numa casa de banho pública, num parque. Sobressaltando-me a cada ruído. Imaginando o pior. Essa noite parecia que nunca mais acabava, como se o dia nunca mais nascesse. O bloco de casas de banho parecia-se um pouco com este.

Por um momento, a minha resiliência afrouxa e imagino a outra alternativa: a cama quente, o estômago cheio e os beijos na testa. Isso basta.

A garrafa parte-se facilmente contra o assento da sanita. Pego num caco grande. Agachando-me no cubículo, prendo o braço entre

os joelhos. Reparo que comecei a choramingar, mas agora não tenho tempo para ser fraca. Mais um minuto e aquele polícia virá à minha procura. Ao cravar o caco contra a mancha castanha, a dor é horrível. Há mais sangue do que eu imaginara, mas não paro. A minha carne solta-se, como a casca de uma batata.

O forro do meu casaco roça na ferida aberta quando volto a vesti-lo. Atiro a prova ensanguentada para dentro da sanita e lavo o sangue das mãos. A minha visão está a começar a desfocar-se e os *noodles* gordurosos estão às voltas no meu estômago. Agarro-me ao lavatório e estabilizo a respiração. Consigo fazer isto.

Ao bater da porta de um carro seguem-se passos.

— Está bem? — pergunta a mulher-polícia.

— Fico um bocadinho enjoada a andar de carro — digo, verificando se há sangue no lavatório.

— Oh, querida, estamos quase lá. Basta dizer-nos para pararmos se quiser vomitar.

A chuva está mais intensa e o céu está de um negro carregado. Mas o ar gelado ajuda a combater a náusea. Entro para a parte de trás do carro e fecho a porta com o meu braço bom. Viramos para a autoestrada. Pouso o meu braço latejante junto aos encostos de cabeça, com medo de que o sangue comece a escorrer-me pelo pulso abaixo, e encosto a cabeça para trás, contra a janela. Já não me sinto enjoada. Agora apenas tenho uma sensação de instabilidade. O tamborilar constante da chuva, os tons suaves do rádio e o calor do carro embalam-me até quase adormecer.

Não sei bem há quando tempo estamos a andar em silêncio quando eles começam a falar.

— Acho que ela está a dormir. — É a voz do homem.

Ouço o rangido do couro quando a mulher se vira para olhar para mim. Não me mexo.

— Parece que sim. Deve ser um trabalho cansativo ser uma cabrazinha destas.

— Onde é que achas que ela esteve este tempo todo?

— O meu palpite? Fugiu com um homem qualquer, provavelmente casado. Ele deve ter-se fartado dela e ter-lhe dado com os pés. Suponho que ele também fosse rico, pelo modo como ela tem andado a olhar para toda a gente de cima a baixo.

— Ela disse que foi raptada.

— Eu sei. No entanto, não está a agir como tal, pois não?

— Na verdade, não.

— E, tendo em conta isso, parece-me em bastante boa forma. Se foi raptada, ele devia gostar muito dela. É só isso que estou a dizer. O que é que tu achas?

— Na verdade, estou-me a cagar — diz ele. — Mas suponho que isto é capaz de fazer com que nos deem uma condecoração.

— Não sei. Ela não devia estar no hospital, ou coisa assim? Na verdade, não sei se aquele imbecil devia tê-la deixado vir-se embora quando lhe apeteceu.

— Então qual é o protocolo? Eu sei o que devemos fazer quando desaparecem miúdos, mas e quando eles reaparecem?

— Sei lá, foda-se. Nesse dia, devia estar de ressaca.

Eles riem-se e, a seguir, o carro volta a ficar em silêncio.

— Sabes, tenho estado o dia inteiro a perguntar-me quem é que ela me faz lembrar — diz, subitamente, a mulher-pólicia. — Acabou de me ocorrer. Era uma rapariga dos meus tempos do liceu que disse a toda a gente que tinha um tumor cerebral e que faltou uma semana à escola para ser operada. Um grupo de malta fez um peditério para angariar dinheiro para ela. Creio que achámos todos que ela ia morrer. No entanto, ela regressou impecável na segunda-feira e, durante algumas horas, foi a rapariga mais popular da escola. Até que alguém reparou que ela não tinha o cabelo rapado, nem sequer um centímetro. Tudo aquilo era uma aldrabice pegada do princípio ao fim.

» Essa rapariga olhava para as pessoas exatamente como a nossa princesinha aqui atrás olhou para nós quando a encontrámos. A maneira como ela nos observa, como nos inspeciona com aquele brilho frio nos olhos, como se tivesse o cérebro a funcionar a um milhão de

quilómetros por minuto, tentando descobrir a melhor maneira de nos lixar a cabeça.

Passado um bocado, deixo de os ouvir. Lembro-me de que tenho de conversar com o inspetor quando chegar a Camberra, mas sinto-me demasiado tonta para tentar planear as minhas respostas. O carro sai da estrada principal.

Acordo com o solavanco da travagem e com as luzes a acenderem-se quando a mulher-polícia abre a sua porta.

— Acorde, menina — diz ela.

Tento sentar-me, mas os meus músculos parecem feitos de gelatina.

Ouçõ uma nova voz.

— Vocês devem ser os agentes Seirs e Thompson. Eu sou o inspetor-chefe Andopolis. Obrigado por fazerem horas extras para a trazerem cá.

— Não se preocupe, chefe.

— É melhor começarmos. Sei que a mãe dela está radiante, porém, tenho imensas perguntas a fazer-lhe antes disso.

Ouçõ-o a abrir a porta junto a mim.

— Não imagina como estou satisfeito por vê-la, Rebecca — diz ele. Depois, ajoelha-se ao meu lado. — Está bem?

Tento olhar para ele, mas a sua cara está a andar às voltas.

— Sim, estou bem — murmuro.

— Porque é que ela está tão pálida? — grita ele, severamente. — O que é que lhe aconteceu?

— Ela está ótima. Só que fica enjoada quando anda de carro — diz a mulher-polícia.

— Chamem uma ambulância! — grita-lhe rispidamente o Andopolis enquanto se estica e me solta o cinto de segurança.

— Rebecca? Consegue ouvir-me? O que é que aconteceu?

— Magoei o braço quando estava a fugir — ouçõ-me a mim própria a dizer. — Está tudo bem, só me dói um pouco.

Ele puxa-me o casaco para o lado. Tenho sangue seco até à clavícula. Ver isso faz com que a minha visão se ofusque ainda mais.



— Seus idiotas! Seus idiotas de merda!

Agora, a voz dele parece-me distante. Não consigo ver a reação dos policiais; não consigo ver as caras deles a empalidecerem. Mas consigo imaginar.

Sorrio à medida que a minha derradeira consciência se desvanece.

## 2

*Bec, 10 de janeiro de 2003*

Bec tinha decidido, havia meses, viver a sua vida como se estivesse a ser observada. Só para o caso de haver uma equipa de filmagens escondida atrás de uma esquina ou de o seu espelho ter duas faces. Isso queria dizer que já não poderia bocejar sem tapar a boca nem enfiar o dedo no nariz na casa de banho. Ela queria parecer exatamente como uma rapariga de 16 anos feliz e bonita.

No entanto, aquela sensação era diferente, aquele formigueiro na parte de trás do pescoço. Parecia que havia mesmo alguém a observá-la. Há já alguns dias que o sentia, mas sempre que virava a cabeça para trás não estava lá ninguém. Talvez estivesse a enlouquecer.

Seria assustador se os piores medos de uma pessoa se estivessem a tornar realidade à sua volta e ninguém a levasse a sério, como se ela fosse louca. O vizinho do lado, Max, costumava passar a noite toda a gritar. A mãe dela dizia-lhe que ele devia estar a discutir com alguém ao telefone, mas, certa vez, ela espreitara através dos cortinados depois de ele a acordar às quatro da manhã e lá estava ele, a gritar para ninguém na escuridão. Algumas semanas mais tarde ele atirou uma pedra à janela da cozinha deles. Nessa noite, o pai

dela fez uma chamada e levaram Max. Quando regressou, já não gritava. Limitava-se a ficar sentado no alpendre a olhar fixamente para o vazio, tornando-se, lentamente, cada vez mais gordo.

Seria melhor sentir medo a toda a hora, ou não sentir absolutamente nada? Ela ainda não tinha decidido.

O Sol brilhava sobre ela através de uma camada leitosa de nuvens. Ia apanhar um escaldão se permanecesse por muito mais tempo ali fora. Mas gostava daquela imagem de si mesma. Deitada de costas na piscina de Lizzie. Com um biquíni verde, os braços sardentos esticados e o umbigo a encher-se de água à medida que respirava. Perguntou-se se estaria a ser observada naquele preciso momento. Os quartos do irmão e do pai de Lizzie davam para a piscina. Ela apanhara-os a ambos a olharem fixamente para ela algumas vezes durante o último ano. Isso devia enojá-la, mas não enojava.

Ouviu-se o som de pés a embater contra o cimento, seguido de um momento de silêncio prolongado e, depois, a superfície da água explodiu quando a Lizzie fez uma bomba. Ela veio à tona para respirar, rindo-se loucamente, com o cabelo molhado colado à cara.

— Quase te acertei!

— És mesmo idiota.

Bec riu-se, tentando submergir as costas. Lizzie agarrou-lhe na cintura e berraram e soltaram gargalhadas enquanto tentavam lutar, com os membros escorregadios como enguias a emaranharem-se. Bec fez uma valente amona a Lizzie e esta emergiu a cuspir água.

— Tréguas?

Lizzie esticou o dedo mindinho, ainda a tossir, e entrelaçaram os dedos mindinhos. Bec nadou rapidamente para longe, antes que Lizzie mudasse de ideias, e inclinou-se sobre a berma ladrilhada da piscina, estabilizando a respiração. Quem lhe dera que aquela casa fosse sua e que Lizzie fosse sua irmã, embora não se parecessem nada uma com a outra. O corpo de Lizzie era todo suave e curvilíneo nos sítios certos, enquanto Bec era magra e tinha o peito relativamente liso. Às vezes, quando Lizzie punha batom vermelho,

Bec achava que a sua melhor amiga ficava mesmo parecida com Marilyn Monroe, mas nunca lho disse.

— Oh, tenho a cabeça outra vez a andar à roda.

Gotículas de água pendiam das pestanas de Lizzie enquanto olhava atentamente para Bec.

— A culpa é tua.

Bec pousou a cabeça sobre o braço. A ressaca estava a esbater-se. As tonturas tinham desaparecido e o estômago estava a começar a acalmar-se.

— A noite passada foi fantástica, não foi?

Um sorrisinho perigoso insinuou-se na cara de Bec ao dizer aquilo. Lizzie nem sequer sabia das melhores partes.

— Temos tanta sorte. — Lizzie suspirou e içou-se para a berma. — É melhor ires-te embora, rapariga. Vais arranjar problemas com a Ellen.

— Porra! Que horas são?

Bec ergueu-se para fora da piscina, com o cimento escaldante a queimar-lhe os pés descalços à medida que saltitava em direção à sala de estar. Agarrou no seu telemóvel, que estava sobre a bancada da cozinha. Eram 14h30. Se se apressasse, chegaria mesmo em cima da hora. Tinha uma mensagem. Era dele.

Acabei de acordar. Passo sempre umas noites espantosas contigo ao meu lado.

Bec ficou aliviada por Lizzie não estar ali para ver o sorriso pateta que se lhe colava à cara enquanto corria escadas acima para ir buscar as suas roupas de trabalho. A mensagem passou-lhe repetidamente pela cabeça. Devia querer dizer que ele gostava dela. Agora, tinha a certeza. Esbarrou contra o irmão de Lizzie, Jack, no patamar. A porta dele estava aberta e os sons desagradáveis da sua música de *heavy metal* ecoavam para fora do seu quarto. Ele esticou uma mão instintivamente; estava quente, pousada sobre o fundo das costas de Bec. Durante uma fração de segundo estiveram tão perto que era como se se estivessem a abraçar. Ela conseguia sentir a respiração dele, o seu cheiro. Ele afastou a mão.

— Desculpa!

Ele olhou embaraçadamente para o chão, com a cara a ruborizar-se. Ela apercebeu-se, subitamente, de que estava praticamente nua e soltou um risinho estridente enquanto corria para o quarto de Lizzie. Despindo o biquíni, deixou um montinho molhado e verde sobre o tapete e vestiu o seu uniforme de trabalho. Este fedia a óleo de frituras e colou-se à sua pele húmida. Quem lhe dera ter tido tempo para tomar um duche e lavar o cabelo. Normalmente não ia a lugar algum sem o esticar. Agarrando na sua bolsa de maquilhagem, aplicou um pouco de corretor, espalhou uma base espessa, a seguir pôs o *blush* e finalmente o rímel. Hoje em dia, também gostava de usar *eyeliner* líquido, mas a probabilidade de se esborratar quando estava com pressa era elevada. Uma vez fora para a escola a parecer um panda, e não queria voltar a repetir essa experiência. Calçando as suas sabrinhas enquanto andava, pegou na mala e desceu os degraus dois a dois.

— Até já, cabra! — gritou ela a Lizzie, que esticou o dedo do meio, a partir da piscina.

O portão embateu ao fechar-se atrás dela, enquanto se apressava rua abaixo. Eram 14h43. Devia conseguir chegar a horas. Os seus passos abrandaram. Fazia demasiado calor para correr. O ar era pesado, empurrando-a para baixo, contra o chão. Aquele verão estava péssimo. Dia após dia, mais de 40 graus. Passou os dedos pelo cabelo; já estava quase seco. Com sorte, não ficaria frisado.

O domingo era o dia de folga dele. Ainda assim, ela desejava que ele estivesse lá. Poderiam comparar ressacas, lembrar os acontecimentos da noite anterior e rirem-se. Os polegares dela percorreram o teclado:

Estou agora a caminho do trabalho. Bolás, quem me dera que estivesse lá! ☺

Relendo aquilo uma e outra vez, ela não estava segura. Não queria ser demasiado óbvia, embora tivesse lido uma vez numa revista que o óbvio era bom. Temos de lhes dar confiança para avançarem. A carinha sorridente estava a mais, pensou; era demasiado infantil.

O dedo hesitou sobre o botão de enviar, com o coração a bater mais depressa. Fechando os olhos, forçou-se a carregar nele. O sorrisinho íntimo voltou a insinuar-se na sua cara e Bec perguntou-se se Lizzie faria alguma ideia. Ela gostava de ter aquele segredo. Parecia-lhe perigoso, como brincar com o fogo.

Por um momento, o outro segredo veio-lhe à ideia. Um segredo cuja recordação era como metal incandescente, escaldante e violento. Ela tentou afastá-lo; não devia estar a pensar nisso.

Ao virar a esquina para a rua principal, folhas de eucalipto esmagaram-se sob os seus pés. O cheiro a eucalipto quente era pungente. Fazia-a lacrimejar. As folhas eram estaladiças e tinham os rebordos negros, como se o calor as tivesse queimado. Durante um segundo perguntou-se se iria vomitar, se a cerveja da noite anterior iria voltar, afinal. Parou de caminhar e agarrou-se a um galho para se recompor, cerrando os olhos com força.

A noite passada fora divertida; compensava o facto de se sentir um pouco agoniada hoje. As melhores saídas noturnas aconteciam sempre de forma inesperada. Ela estava a fechar. A esfregar o chão e a lavar a fritadeira, apertando o nariz com dois dedos. Matty estava a tratar do grelhador. Tinha os dedos grossos todos negros devido à gordura. Ela não compreendia porque é que ele nunca usava luvas. Costumava ter um pouco de medo de Matty, de constituição forte e braços tatuados, até ter percebido que ele era um dos homens mais doces que alguma vez conhecera. Parecia-se mais com um urso de peluche do que com um *motard*.

— A seguir vou ter com a Ellen e com o Luke ao bar. Queres vir?

— Achas que também conseguimos que a Lizzie entre?

Ele respondera que sim, mas ela teria ido de qualquer forma.

Tinham jogado várias partidas de bilhar, com o Matty e o Luke a revezarem-se a pagarem-lhe canecas de cerveja. Bec detestava cerveja, mas não queria pedir cidra porque adorava sentir-se parte do grupo. O bar era escuro e tinha um cheiro almiscarado. Quando ela abrisse a porta da casa de banho, vira as pupilas dilatadas ao espelho, antes de estas reagirem às intensas luzes fluorescentes. Passara um

pouco mais de maquilhagem, desejando ter trazido uma muda de roupa. Mas não deixara que isso lhe estragasse a noite.

Tentara não olhar fixamente para Luke. Mas estava a incitá-lo a avançar, a aproximar-se. Por fim, ficou de fora num jogo, e ele também.

— Como estás, companheira?

Ela adorava quando ele lhe chamava assim, como se fossem completamente iguais. Não havia nada que ela detestasse mais do que ser tratada como uma repariguinha.

Quando ele se sentara a seu lado, ela conseguira sentir o calor que emanava do corpo dele. Fizeram piadas porcas enquanto viam os outros jogar; ela inflamara-se quando conseguiu fazê-lo rir. Ele contara-lhe segredos. Ela escutara-o. Desejara que ele a beijasse. Não o fez. Mas uma só vez, pegara-lhe na mão e apertara-a, com os olhos a contemplarem-na fixa e intensamente. Ele não tivera de dizer nada. Ela conseguira adivinhar aquilo em que ele estava a pensar. Ela era demasiado jovem. Certa noite em que ficaram a trabalhar até tarde, ele dissera-lhe que um amigo dele tinha uma regra. Uma pessoa podia namorar alguém com metade da sua idade mais sete anos. Se fosse mais novo do que isso, era errado.

— Portanto, quando é que fazes 17 anos? — perguntara ele, como se fosse uma piada. Nessa altura, faltavam três meses. Agora, só faltava um. Ela teria de se limitar a ter paciência.

A sua base estava a começar a derreter-se. Obrigou-se a andar um pouco mais depressa. No McDonald's havia ar condicionado. Não que isso ajudasse muito no *drive-through*. Rezou para que naquele dia estivesse só no balcão principal. Então, voltou a sentir aquilo, aquela sensação de formigueiro. Virou-se. Não havia ninguém atrás dela. A rua estava estranhamente vazia. Toda a gente estava fechada onde houvesse ar condicionado. Apressou o passo, com a parte de trás do pescoço ainda a formigar.

Quando desceu do autocarro depois do trabalho, o céu estava negro. O ar continuava pesado e quente. O bairro residencial dela

estava sempre silencioso quando ela chegava a casa tarde. Sempre que percorria a rua de Lizzie à noite, esta parecia respirar — luzes ligadas, janelas abertas, pessoas a rirem, música a tocar. Havia o cheiro acolhedor de jantares quentes fluando para fora das portas mosqueiras.

No bairro residencial de Bec, toda a gente fechava muito bem os cortinados, pelo que só se conseguia ver o brilho azul das televisões nas extremidades.

Mal podia esperar por chegar a casa, abrir a porta da rua e entrar na moradia fresca. Encontrar a sua família sentada diante da televisão, a rir-se de uma série de comédia estúpida. Sentir o alívio de estar confortável, integrada e segura. De estar em casa.

Pelo menos, era assim que ela desejava que fosse. Mas isso era a família de outra pessoa. Não a sua.

Ao subir colina acima, rumo à sua rua, os seus membros começaram a doer-lhe. Fora um turno longo. Ellen estava zangada com ela; afinal, acabara por chegar dez minutos atrasada. Quando olhara para o seu reflexo no aço inoxidável, vira a sua maquilhagem a escorrer e o seu cabelo frisado. Não havia nada que pudesse fazer acerca disso. Sentada à janela do *drive-through*, sentira os antebraços a começarem a arder; nem sequer tinha posto protetor solar.

A sensação apocalíptica começou a instalar-se nela. Aquela sensação que sentia quando estava tão cansada que tudo lhe começava a parecer errado. Tentou não pensar em Luke. Se o fizesse, começaria a desmontar a situação. A preocupar-se. A aperceber-se de que ele não gostava, de todo, dela, de que estava a ser uma idiota e de que toda a gente se estava a rir dela.

Aproximou-se lentamente de sua casa. Estava às escuras. Todas as janelas se encontravam escuras como breu.



**Um thriller intenso e misterioso sobre os piores segredos que procuramos esconder dos outros... e até de nós próprios.**

## **2003. UMA ADOLESCENTE DESAPARECE.**

Rebecca Winter é uma rapariga de 16 anos que desfruta tranquilamente das suas férias de verão quando coisas estranhas começam a acontecer ao seu redor: encontra sangue na cama, apercebe-se de um vulto no quarto e sente-se constantemente observada.

Um dia, Rebecca desaparece sem deixar rasto.

## **ONZE ANOS DEPOIS, ALGUÉM ASSUME A SUA VIDA.**

Em 2014, para evitar ser presa, uma mulher muito parecida com Rebecca faz-se passar por ela, conseguindo convencer toda a gente. Retoma, assim, a vida de Rebecca, mas rapidamente se apercebe de que a família e os amigos da rapariga desaparecida não são quem parecem ser. E torna-se óbvio para ela que a pessoa responsável pelo desaparecimento de Rebecca ainda está à solta e que a sua vida corre perigo.

**Conseguirá a impostora descobrir a verdade por detrás do passado de Rebecca e fugir ao mesmo trágico destino?**

«Uma trama vertiginosa e repleta de reviravoltas que fará com que qualquer fã de thrillers não consiga parar de ler.»

*Booklist*

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-40-1



9 789898 886940 1

Thriller